
**PORNOGRAFIA E MELANCOLIA:
Desejo velado e a nudez envergonhada**

DOI: 10.33871/sensorium.2024.11.9268

Wellington Lima Amorim¹
Claudinei Reis Pereira²

*Confesso que este brilhante bazar de vaidades e de
misérias humanas me atrai, sobretudo, pelos
preciosos divertimentos que proporcionou à minha
carne e a meu espírito.
(Rétif de la Bretonne – historiador)*

Resumo: O presente artigo tem em vista discutir a questão da pornografia e sua relação com a melancolia. Além disso, investigam-se os efeitos compulsivos descritos na narrativa cinematográfica do filme "Shame" (2011). No segundo caso, problematiza-se a perspectiva cultural, histórica e psicológica do imaginário erótico, da nudez e da prostituição no percurso constitutivo da modernidade. A pornografia e o imaginário erótico, dependendo da forma como lidamos com seus impulsos, podem se tornar corrosivos, mas também podem ser qualificados como aquilo que é característico do imaginário erótico do humano: o desejo permanente pelo gozo.

Palavras-chave: Pornografia. Melancolia. Nudez. Prostituição. Shame.

PORNOGRAPHY AND MELANCHOLY: veiled desire and shamed nudity

Abstract: This article aims to discuss the theme of pornography and its relationship with melancholy. Furthermore, we investigate the compulsive effects described in the cinematographic narrative of the film "Shame" (2011). In the second case, the cultural, historical and psychological perspective of the erotic imagination, nudity and prostitution are problematized along the constitutive path of modernity. Pornography and erotic imagination, depending on the way in which we confront our impulses, can become corrosive, but can also become characteristic of human erotic imagination: the permanent desire for enjoyment.

Keywords: Pornography. Melancholy. Nudity. Prostitution. Shame.

¹Doutor em Ciências Humanas. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://orcid.org/0000-0002-7299-410X>. <http://lattes.cnpq.br/8435602742904295>. wellington.amorim@gmail.com

² Doutor em Filosofia – Universidade Federal do Espírito Santo. <https://orcid.org/0000-0002-6232-8007>. <http://lattes.cnpq.br/1377457476838013>. claudnei_2012@hotmail.com

PORNOGRAFIA Y MELANCOLIA: deseo velado y desnudez vergonzosa

Resumen: Este artículo tiene como objetivo discutir el tema de la pornografía y su relación con la melancolía. Además, se investigan los efectos compulsivos descritos en la narrativa cinematográfica de la película "Shame" (2011). En el segundo caso, se problematiza la perspectiva cultural, histórica y psicológica del imaginario erótico, la desnudez y la prostitución en el camino constitutivo de la modernidad. La pornografía y la imaginación erótica, dependiendo de la forma en que afrontemos sus impulsos, pueden llegar a ser corrosivos, pero también pueden calificarse como lo característico de la imaginación erótica humana: el deseo permanente de disfrute.

Palabras clave: Pornografía. Melancolía. Desnudez. Prostitución. Lástima.

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é discutir a relação entre a pornografia e sua relação com a melancolia. Para tanto, a primeira etapa desta investigação tem como finalidade analisar o filme "Shame" (2011), dirigido por Steve McQueen, que apresenta Brandon Sullivan como personagem principal que oscila entre o tédio, angústia e o desespero existencial devido à sua compulsão pelo sexo. Enquanto para alguns, Brandon aprecia negativamente a experiência do vício, para outros, ele pode estar vivendo a realidade mais natural da biologia humana buscando a necessidade do gozo. No entanto, é perceptível o seu desconforto com relação ao sexo. Após cada ato, cada nova conquista e cada rotatividade com uma prostituta, ele cai no tédio. A sua mente e o seu corpo são um indicador que desperta o seu desejo paradoxal, isto é, a dualidade entre o prazer e o desconforto entediante e angustiante provocado pelo ato sexual.

A segunda parte do texto analisa os aspectos sociais, culturais, históricos e psicológicos da pornografia, do imaginário erótico e da prostituição na sociedade moderna. A principal questão é: quais são os efeitos psicológicos da pornografia? Qual é o significado dela e o que ela representa no imaginário social e cultural da sociedade moderna? Além disso, de que forma a pornografia, o sexo, o erótico ou mesmo a prostituição têm em sua natureza que visa a nudez, desvelamento ou vergonha e que oscila entre o aceitável e o proibido? Essas serão algumas questões levantadas por este artigo.

2. UMA ANÁLISE DESCRITIVA E PSICOLOGIA DO PERSONAGEM BRANDON

"Shame" (2011), dirigido por Steve McQueen e estrelado por Michael Fassbender e Carey Mulligan, é um mergulho sombrio na psique de um homem consumido pela pornografia e melancolia. A história protagoniza o personagem Brandon Sullivan, um executivo nova-iorquino bem-sucedido, cuja vida é uma máscara de normalidade, enquanto sua alma está submersa em um mar de desejo desenfreado e vazio existencial. A pornografia, nesse filme, não é apenas um mero estímulo visual; é uma metáfora para a busca incessante de prazer e satisfação em um mundo cada vez mais desconectado e alienado. Brandon navega por um labirinto de encontros sexuais casuais, sites de conteúdo adulto e masturbação compulsiva, numa tentativa desesperada de preencher um vazio interior que parece insaciável.

Brandon é apresentado como um personagem com tendência à compulsividade sexual. Seus pensamentos, todos giram em torno da dimensão estética do sexo; constantemente, seus pensamentos o levam à pornografia, motivados pelo desejo erótico. É interessante que Steve McQueen nos introduz no universo de um compulsivo sexual. Brandon está em estado de angústia e

tédio diante da repetição constante, ou seja, da prisão compulsória dos seus desejos. Uma das primeiras cenas do filme revela a preocupação ambiental do personagem. Sons, cores, movimentos e visualização. O personagem está em estado de vigília. Antes de tocar o despertador, Brandon está acordado, nu, sozinho entre os travesseiros e lençóis. A cena em questão revela a solidão do protagonista. A cena em que ele aparece nu, revela uma vida sem fetiches, crua e sem a glamourização do protagonista. O som ao fundo, demonstra a tristeza em que o protagonista expõe em relação à sua própria rotina. Na verdade, ele parece desconhecer qualquer outro som que não seja o som dos “gemidos” e dos “sussurros” eróticos. O som que aparece é substituído pelos que surgem na sua memória.

Isso fica claro quando Brandon se encontra com uma bela jovem no vagão do metrô. Aqui surge seus impulsos biológicos mais primitivos: o caçador que observa a sua presa. Ele é predador, que observa com atenção a sua presa. Brandon se vê mergulhado mentalmente entre a pornografia e seus impulsos do desejo. Nota-se como o diretor nessa cena utilizou um desfoque visual para demonstrar o perfil mascarado que esconde a verdadeira natureza de Brandon. Além disso, é curioso que, quando o personagem demonstra um certo sentimento de carinho e afeto, ele brocha, demonstrando sua vergonha. Ele não consegue enxergar valor em si mesmo, uma vez que o seu único valor que ele tem é o narcisismo. Por essa razão, Brandon está envolvido constantemente com a prostituição, o erotismo visual, isto é, a pornografia.

Aliás, a pornografia é mais do que apenas a objetificação do corpo humano; é a manifestação de uma sociedade saturada de estímulos superficiais, onde a intimidade genuína é substituída pela gratificação instantânea. Brandon consome pornografia não apenas para gratificar seus desejos sexuais, mas também como uma fuga da solidão e do vazio que o consomem. No entanto, por trás de sua fachada de controle e indiferença, Brandon está afundando em um abismo de melancolia, como é conceituada na Psicanálise e Filosofia, não sendo apenas tristeza ou depressão, mas sim uma profunda sensação de perda de significado e propósito. Brandon vagueia pela vida sem rumo, incapaz de estabelecer conexões significativas com os outros ou consigo mesmo. A melancolia de Brandon é agravada pela presença de sua irmã mais nova, Sissy, cuja própria luta com a vida é espelhada na dele e representa uma âncora emocional para Brandon, uma lembrança constante das relações quebradas e das feridas não cicatrizadas do passado. Sua presença tumultuosa desencadeia uma série de eventos que expõem as fissuras na armadura emocional de Brandon, levando-o a confrontar a verdadeira extensão de sua miséria interior.

Ao longo do filme, McQueen utiliza uma estética visual crua e despojada para retratar a desconexão e o desespero que permeiam a vida de Brandon. As cenas de sexo são desprovidas de qualquer glamour ou erotismo, em vez disso, elas são apresentadas de forma crua e visceral, destacando a frieza e a alienação subjacentes na busca desenfreada por prazer. No clímax do filme, Brandon atinge o ponto de ruptura, confrontando finalmente sua própria humanidade e vulnerabilidade. É nesse momento de desespero e angústia que ele encontra a possibilidade de redenção e renascimento. A jornada de Brandon em “Shame” (2011), é uma reflexão sombria sobre os perigos da busca incessante pelo prazer e a alienação que resulta da desconexão emocional, ou melhor, “Shame” (2011), é um retrato brutal da condição humana, exploração corajosa dos abismos da psique e das armadilhas da modernidade. Ao entrelaçar os temas da pornografia e melancolia, o filme lança luz sobre as complexidades da existência humana e os dilemas morais que enfrentamos em nossa busca por significado e conexão.



Fonte: <https://rotacult.com.br/2017/02/shame/>

3. A PORNOGRAFIA E O IMAGINÁRIO ERÓTICO.

O autor Hunt (1999), em sua obra *A invenção da pornografia*, enfatiza a necessidade de uma análise histórica-crítica do conceito e do significado da pornografia na sociedade moderna. O autor revela, inclusive, que, de acordo com o “relatório da *Meese Commission* sobre a pornografia, reconheceu a necessidade de uma perspectiva histórica, lamentando que a ‘história da pornografia ainda precisa ser escrita’. (HUNT, 1999, p. 10). Diante deste enunciado, surge a seguinte questão: de que forma, a mente, a imaginação, a pornografia e o erótico não seriam um reflexo psicológico do mundo moderno que se manifesta na personificação do personagem? Em outras palavras, como a figura de Brandon pode ser útil para uma investigação psicológica, histórica, cultural e literária que envolva um tipo de mentalidade pornográfica, erótica, da nudez, do desejo e da prostituição? Qual é a diferença entre o proibido e o não proibido? Primeiramente, pode-se destacar que do ponto de vista da imaginação erótica, uma ligação, uma voz, um sussurro, uma imagem é o espaço no qual a tecnologia nos coloca, frente ao imaginário: a virtualidade dos desejos! Ou melhor, substituímos os espaços físicos dos corpos pelos espaços virtuais das fantasias. Conteúdos “obscenos” são propagados em *lives* noturnas e em suas variadas formas. Mas por que não ao clarear do dia? Por que não à luz do sol?

Ao que parece, a noite é o momento preferido, por alguma razão relacionada às manifestações mais profundas, diante da nebulosidade dos desejos velados, das manifestações de nossos demônios. “Entidades mesopotâmicas se apossam” de nós: os *Íncubos*, do latim – *incubare* (deitar-se em cima), e *Súcubos*, do latim - *succumbere* (deitar debaixo), entre variados *entes* de tradições culturais que buscam homens e mulheres para o sexo. Vale ressaltar, todavia, que a presença sempre fora importante, mas agora se faz “desnecessária”. Não porque perdera o seu significado, mas porque se encontra na sua mais drástica improbabilidade. Diante da *revolução virtual*, nos percebemos ousados e descobrimos que não “estamos sozinhos”, conosco caminham os “demônios e deuses do

erotismo” (*Eros, Anteros, Himeros, Pothos*). Ademais, vivemos diante de um contexto de experiências coletivas.

Nossas ficções eróticas e imaginárias dos objetos desejados se tornam reais, mesmo na virtualidade do “palácio da imaginação”. Aliás, a ideia de imagem vem da expressão latina *Imaginatio*, que significa a possibilidade mental de evocar ou produzir imagens, independentemente da presença do objeto que se referem. Nesse sentido, a imagem do desejo, tende a algo que não está presente. Santo Agostinho, na obra *Confissões*, na seção “A memória se lembra do esquecimento”, afirma que: “Quando todos esses objetos me eram presentes, a memória captou-lhes as imagens, a fim de que mais tarde as contemplasse e repassasse no espírito, quando ausentes”. (AGOSTINHO, 1997, p. 172). Vivemos aquilo que Muchembled (2007), em sua obra *O orgasmo e o ocidente* apresenta como “os prazeres da imaginação”. De acordo com o historiador, a ideia dos prazeres da imaginação é recorrente e passa a ocupar um lugar cada vez mais singular no século XVIII. Nas palavras do autor: “todo contexto, favorável ao impresso e à imagem, permite o rápido desenvolvimento de um apetite artístico que ultrapassa os círculos restritos dos mecenas, dos aristocratas e da corte”. (MUCHEMBLED, 2007, p. 209). O exemplo que o autor destaca em sua obra é a obra de Sir Francis Dashwood, barão de Despencer, um dos fundadores dos *Dilettanti* (sociedade britânica de nobres e estudiosos que patrocinavam o estudo da Arte Grega e Romana, e a criação de novas obras no estilo), é pintado por Hogarth, nos anos de 1750, como um padre adorando, não Cristo, mas uma pequena figura feminina nua, inteiramente exposta ao seu olhar, o que sugere que o desejo carnal se confunde com o do colecionador. Afirma o autor que

Os escândalos em torno do culto a Priapo ou dos fruidores que erigem (*erguem*) sua sensualidade em nova religião assinalam a volta de uma cultura do desejo. Já passou o tempo de esconder o seio que não se pode ver. Ao contrário, o peito feminino e a nudez dos corpos readquiriram direito de cidadania. (MUCHEMBLED, 2007, p. 210)



Fonte: <https://www.wikiart.org/en/william-hogarth/portrait-of-en-francis-dashwood-15th-baron-of-despencer>

A partir desse contexto se abre uma nova maneira para o caminho do deleite ao estético, da imaginação erótica. “A contemplação da obra de arte tornando-se alegria do olhar, evocação do belo, prazer desinteressado” (MUCHEMBLED, 2007, p. 210). Mas o que desejamos diante do objeto distante? O que ele nos representa simbólico e eroticamente? Neste momento estamos “forçados” a desvelar nossa nudez, em outras palavras, existe uma exigência de que nossos desejos ocultos, obscurecidos e velados sejam desvelados: o que é isto o gozo? Para que ele serve? Que, a saber, gozo pode ser entendido a partir de duas caracterizações básicas segundo Priore:

Primeiro, o *gozo*, derivado do verbo *gozar*, que significa a realização do desejo; gozar da civilização, privilégios, uma vida boa, obra de arte entre outras caracterizações; E do substantivo *gozo*: que literalmente está relacionado ao gozo sexual. Ou melhor, enquanto usufruo de um prazer de natureza sexual e pervertido. Além disso, distinguiram-se três formas possíveis de gozo: a satisfação imediata dos desejos, o deleite vinculado ao orgulho da posse dos bens ou dos seres (palácios e jardins, belos cavalos, lindas mulheres, roupas magníficas, cozinha refinada, vinhos deliciosos...). (PRIORE, 2007, p. 3)

Todavia, a narrativa imaginária não busca uma investigação mais profunda sobre as características mais singulares e gerais da natureza do gozo, mas sim sua investigação destaca que mesmo diante de todo exibicionismo do corpo, das fantasias dos desejos humanos e do seu desvelamento pela *revolução virtual*, existe algo curioso: a exibição erótica nos coloca diante da nudez, mas sua excitação ainda se dá pelo não revelado. Michel Foucault em *História da sexualidade* nos professa essa verdade: “o que é próprio das sociedades modernas não é o terem condenado o sexo a permanecer na obscuridade, mas sim o terem-se devotado a falar dele sempre, valorizando-o como o segredo”. (FOUCAULT, 1988, p. 36). Como nos lembra o livro de Provérbios 9, 17: “a água roubada é mais doce, e o pão comido às ocultas é mais agradável”. Para tanto, a modernidade não se funda somente na razão, mas no desejo, alicerça fundacional a partir dos desejos. É possível afirmar que o iluminismo se instituiu “nas luzes do desejo”, como atesta Priore:

A partir do século XVII, essa verdadeira dinâmica sexual deu lugar ao que [...] chama de erotismo das Luzes”. Ademais, “foi o momento do florescimento do desejo, momento em que a liberação dos espíritos, pela celebração do progresso, correspondeu à liberdade dos mores (*costumes*). Na literatura se multiplicaram romances e diálogos entre o espírito e o corpo, a discrição e o despudor, a metáfora educada e a crueza pornográfica”. Literalmente, “o desejo passou a ser o motor do mundo”. (MUCHEMBLED, 2007, p. 8)

Até então, todo tipo de manifestação do erotismo ou nudez era proibida. O historiador Dabhoiwala (2013), ressalva que existiria um divisor de águas especificamente entre os períodos de 1600 e 1800, mas suas origens continuam inexplicáveis. Várias são os exemplos dados pelo autor. Todavia, o historiador ressalta que

Na verdade, desde o início da história humana, todas as civilizações haviam prescrito leis severas contra pelo menos alguns tipos de imoralidade sexual. Tais códigos legais mais antigos que chegaram até nós (c.2.100 – 1700 a. C), redigidos pelos reis da Babilônia, faziam do adultério um crime punível com a morte, e maioria das outras culturas clássicas e do Oriente próximo também o tratavam com inflação grave, essa era a visão adotada pelos assírios, os antigos egípcios, os judeus, os gregos e, até certo ponto, os romanos. (DABHOIWALA, 2013, p. 21)

Outros exemplos de tais radicalidades são destacados, por exemplo, o Código de Alfredo, o Grande (c. 893), legitimava que qualquer homem matasse outro, caso o encontrasse “com sua esposa casada” a portas fechadas ou sob o mesmo cobertor, ou com sua filha legítima ou sua irmã legítima, ou com sua mãe; O rei Cnut (c. 1020 – 1023) proibia que homens casados sequer fornicassem com suas próprias escravas, e ordenava que as mulheres adúlteras fossem humilhadas publicamente, perdessem seus bens, e que suas orelhas e nariz fossem cortados. É importante salientar que a moralidade paulina foi aplicada ao imaginário cultural da Cristandade através da cultura da proibição à sociedade ocidental. De acordo com o Apóstolo Paulo, em 1 *Coríntios*, 7: 1-5 diz: “seria bom que o homem não tocar em mulher”, pois o sexo poderia seduzir a mente e o corpo do homem, desviando-o de seu propósito maior, isto é, a comunhão com Deus. No fundo, “o casamento era apenas uma indulgência lamentável aos que eram fracos demais para domar seus impulsos corporais”, (DABHOIWALA, 2013, p. 24).

Seguramente, no contexto da *Alta Idade Média* obteve-se uma aceleração diante da disciplina sexual. A fundação de tribunais permanentes da própria Igreja, que de acordo com nosso autor, aconteceu aproximadamente em 1100, transformara a punição de infrações sexuais entre a população. Em Londres, Bristol e Gloucester, construíram uma “gaiola” pública especial no mercado principal, onde prendiam e expunham prostitutas, adúlteros e padres libidinosos. Além de tudo, com advento da Reforma protestante líderes eram favoráveis por penas pesadas de disciplina moral: fechamento de bordéis, expulsão de prostitutas, e punições severas para adultério e fornicção. Descreve Dabhoiwala (2013): a revisão da Lei Canônica, liderada pelo arcebispo inglês Cranmer, por volta de 1552,

Recomendava que os adúlteros sofressem a prisão perpétua ou exílio (embora o apedrejamento até a morte, como notavam os comissários com uma certa nostalgia, fosse ‘a punição especialmente criada para isto por nossos patriarcas’). Ou ainda, ‘No mínimo prostitutas, fornicadores e adúlteros deviriam ser marcados com ferros quentes na bochecha ou na testa, sugeriu o escritor Philip Stubbes, para que ‘os cristãos honestos e castos se possam distinguir dos filhos adúlteros de Satã’. (DABHOIWALA, 2013, p.33)

Essa breve e histórica descrição nos mostra como eram vistas, vividas e punidas as práticas sexuais. Ou seja, a valorização da carne fora sufocada pela valorização do espírito no contexto do Cristianismo, como se vê na própria narrativa da Escritura. Por exemplo, em *Gálatas*, 5, 18-19, se diz: “mas se vos deixar guiar pelo Espírito, não estais debaixo da lei. Ora as obras da carne são manifestas: fornicção, impureza, libertinagem [...]. De igual modo, *Romanos*, 8,5 reafirma que: “com efeito, os que vivem segundo a carne desejam as coisas da carne, e os que vivem segundo o espírito, as coisas que são do espírito”. Em *Coríntios*, 6,18, encontra-se: “fugir da fornicção. [...] aquele, porém, que se entrega à fornicção, peca contra o próprio corpo”, entre outros exemplos. A tradição nos afirmara que os amantes da carne são inimigos de Deus. Em contrapartida, como diria Bazzo, em *Prostitutas, bruxas e donas de casa*,

Difícil compreender como uma mulher estranha e bêbada pode ser muito mais carinhosa que aquela com quem compartilha todos os dias e todas as horas. Sente-se perdido no meio de tantos paradoxos. [...] A música, o conhaque, a contravenção (transgressão). Ali o tempo parece não ser tão corrosivo. Não há nem vestígios de Deus, de lei ou de moralismos. Ali se tem a ilusão, inclusive, de que foram as putas, as piranhas e as libertinas, livres da *falsidade estabelecida*, que edificaram tudo o que existe de transcendente, de respeitável e de desestabilizador neste planeta. (BAZZO, 2009, p. 298)

Queres salvar os seus amores eternos e mórbidos? Sendo assim, permitam-se envolver por esta declaração, uma vez que, a trama, o roteiro está machada de sangue, seus personagens depravados e seus temas no mínimo são perniciosos. Porém, para conhecermos a virtude, devemos conhecer bem o vício. Somente então poderemos conhecer o valor integral de um homem! Além de tudo, aqui, aqueles que foram descritos pela celebre obra de Dante Alighieri em *La Divina Commedia - Inferno* que se encontram presos nos círculos do inferno por variadas valas como rufiões, sedutores, sodomistas, fornicadores, que se vêem no giro do sétimo círculo diante de um areão ardente, sob uma chuva de chipas (centelhas) de fogo; os sodomistas, obrigados a um contínuo caminhar. Esta é a configuração metafórica e narrativa, que busca desvelar o velado, desnudar aquilo que estava coberto, ou seja, quer nos despir de “plena nudez”. Por sua vez, esse texto nos provoca a celebração dos corpos, neste momento narrativo, o corpo torna-se o “maravilhoso carnal”. Deve ser descrito, apreciado em seus detalhes, reverenciado, contemplado em seu desnudamento abissal. Sigmund Freud, na *Intepretação dos sonhos*, que encontramos tais ideias fundamentando uma *metapsicologia* em que aparecem mais claramente articulados e discutidos os principais elementos da concepção freudiana de desejo. Diria o autor: “os processos inconscientes aspiram à obtenção do desejo”. (FREUD *apud* SANCHES, 2010, p. 99).

Logo, a pornografia como fenômeno cultural e exposta na película “Shame” (2011), demonstra que apesar de sua popularidade e disseminação pode produzir um espírito melancólico que segundo Freud, devido ao id, parte mais primitiva e impulsiva da mente que buscando satisfação imediata de impulsos e desejos, entra em conflito com o superego, que representa a internalização das normas sociais e morais. Isto porque a pornografia muitas vezes retrata representações extremamente explícitas e idealizadas da sexualidade, que podem entrar em choque com as normas sociais e morais internalizadas pelo superego. Isso pode criar uma tensão interna entre o impulso do id em buscar gratificação sexual imediata e as restrições impostas pelo superego, levando a sentimentos de culpa, vergonha e autocondenação.

A pornografia frequentemente retrata cenários sexuais irrealistas e idealizados, nos quais as pessoas são representadas como sempre disponíveis e dispostas a satisfazer os desejos sexuais mais extravagantes. Isso pode conduzir os desavisados a desenvolver expectativas irreais sobre sua própria vida sexual e romântica, levando a sentimentos de insatisfação e um desejo insaciável por mais estimulação sexual, o que pode alimentar uma sensação de vazio e melancolia. Desta forma, a pornografia muitas vezes retrata corpos humanos como objetos de desejo, desprovidos de emoções e necessidades humanas genuínas. Isso pode levar os espectadores a internalizar uma visão reducionista e desumanizadora das relações humanas, resultando em uma sensação de alienação e desconexão emocional em relação aos outros, o que pode contribuir para sentimentos de solidão e melancolia.

A pornografia sempre é uma fuga da realidade e evitação de tensões emocionais: E por isso, para algumas pessoas, o consumo excessivo de pornografia pode se tornar uma forma de escapismo, uma maneira de evitar lidar com problemas emocionais ou conflitos internos mais profundos. Ao se envolver em fantasias sexuais irreais e desconectadas da realidade, essas pessoas podem temporariamente amortecer sua angústia emocional, mas isso geralmente leva a uma sensação de vazio e melancolia quando confrontadas com a realidade. O consumo excessivo de pornografia pode ter um impacto negativo na capacidade de uma pessoa de desenvolver e manter relacionamentos íntimos saudáveis. Quando as fantasias pornográficas se tornam a principal fonte de excitação sexual, isso pode resultar em uma diminuição do interesse e da capacidade de se envolver emocionalmente com um parceiro real, levando a sentimentos de isolamento e melancolia, pode criar um conflito interno entre impulsos sexuais e normas sociais, alimentar insatisfação e desejo insaciável, promover a objetificação e alienação, incentivar a evasão da realidade e a fuga emocional, e prejudicar a capacidade de desenvolver relacionamentos íntimos e significativos. Ao reconhecer esses efeitos potencialmente prejudiciais da pornografia, é importante buscar formas

saudáveis de lidar com a sexualidade e encontrar satisfação emocional e conexão genuína com os outros como ficou clara na obra cinematográfica “Shame” (2011).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Este artigo teve como intuito levantar a discussão sobre a relação entre a pornografia e a melancolia. Para isso, o artigo se dividiu em dois momentos: primeiramente, fora exemplificado a problemática com o filme “Shame” (2011), protagonizado por Brandon Sullivan e dirigido pelo cineasta Steve McQueen. O filme, nos provoca a análise psicológica do personagem, que vive entre o desejo constante pelo sexo, o que, conseqüentemente, suas experiências o colocam no mundo frenético da pornografia, da prostituição e da cruza da angústia, do tédio e do desespero. Brandon está neurótico com a pornografia, as pulsões orais, vaginais e mentais. O filme, por outro lado, também revela a autovigilância, a busca pelo autocontrole e a disciplina corporal. Há vantagens e desvantagens em relação ao sexo. O desejo frenético desregulado, é como uma rosa, ou seja, cada rosa tem seus espinhos.

Na realidade, ao que parece, McQueen tem como objetivo desafiar o expectador com o seu filme. Os moralistas, que veem no sexo exagerado uma necessidade de repressão, no entanto, disfarçam aquilo que têm mais desejo e, ao mesmo tempo, vergonha e culpa: o desejo contínuo pelo sexo e pelo gozo. No segundo momento deste artigo, buscamos apresentar o argumento histórico, cultural e religioso que corrobora essa verdade: o desejo velado e a nudez envergonhada! Parece que vivemos na contradição entre a culpa, a proibição e a vergonha, mas, ao mesmo tempo, o desejo incessante pelo mistério erótico do desejo. Como nos disse Hunt (1999): a história da pornografia enquanto uma invenção, ainda precisa ser escrita!

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997. (Coleção Patrística).

BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2006.

BAZZO, Ezio Flavio. *Prostitutas, bruxas e donas de casa: Notícias do Éden e do calvário feminino*. Brasília: BGE, 2009.

DABHOIWALA, Faramerz. *As origens do sexo: Uma história da primeira revolução sexual*. Tradução de Rafael Mantovani. São Paulo: Globo, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: A vontade de saber*. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

HUNT, Lynn. (Org). *A invenção da pornografia: Obscenidade e as origens da modernidade 1500 – 1800*. Tradução de Carlos Szlak. São Paulo: Hedra, 1999.

MUCHEMBLED, Robert. *O orgasmo e o ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias*. Tradução de Monica Stahel. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

PRIORE, Mary Del. Apresentação. In: MUCHEMBLED, Robert. *O orgasmo e o ocidente: uma história do prazer do século XVI a nossos dias*. Tradução de Monica Stahel. Martins Fontes: São Paulo, 2007.

SANCHES, Pedro Rodrigo Peñuela. A alteridade na conceituação freudiana de desejo e pulsão. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 44, n. 4, 2010.